

LÁ LI GIBI: O CINECLUBE COMO ESTRATÉGIA DE ESTÍMULO À LEITURA

Lucibele Eduarda Bento da Silva¹
Lucille Patriota Pordeus²
Elise Moraski Nogueira³

RESUMO

O projeto de extensão ‘Lá Li Gibi: biblioteca, leitura e ação cineclubista’ se justifica como ação que problematiza o distanciamento da população brasileira das bibliotecas e o insucesso da escola em efetivar um dos seus propósitos primordiais, que é a formação de pessoas leitoras. Dentre as ações propostas pelo projeto, foram definidos como objetivos: I- Estimular o desenvolvimento do hábito da leitura através de sessões de cinema e II- Ressignificar o papel do cinema aliado à biblioteca, instaurando situações de fomento à cultura, à informação, ao conhecimento e à convivência. Para alcançar tais objetivos, por meio do ‘Cineclub Riacho do Navio’ foi realizada a exibição dos filmes de curta metragem e de videoclipes brasileiros na Escola Municipal de Ensino Fundamental Virgínius da Gama e Melo, em Mangabeira, João Pessoa (PB), de abril a agosto de 2018. No total, a ação cineclubista atingiu em média 167 estudantes por mês. Durante a execução da ação cineclubista foram apresentados 15 sessões de cineclub, levando para a escola um total de nove filmes e videoclipes. Houve grande aumento do número de empréstimos de livros, efetuados principalmente pelos estudantes do 6º ano. Por falta de organicidade entre a universidade e a escola, as ações planejadas até o final do período letivo não puderam ser concluídas.

Palavras-chave: Cineclubismo, biblioteca, livros, ler.

INTRODUÇÃO

A utilização do cinema como instrumento pedagógico nas escolas não é recente. Entretanto, geralmente este recurso é empregado como entretenimento, pretexto para ensinar conteúdo ou até mesmo para preencher algum tempo ocioso na falta de algum professor. Mesmo estando presente na sala de aula de diversas maneiras (XAVIER, 2008, p. 15; CHRISTOFOLETTI, 2009), ainda é necessário se pensar no cinema para além de um recurso metodológico utilizado para facilitar o ensino ou a aprendizagem de determinado assunto, ou ainda como uma mera forma de distração, mas que este exercício possa favorecer a ampliação da experiência fílmica de professores e estudantes, trazendo novas reflexões sobre o mundo a nossa volta, expondo e questionando a realidade em que estamos inseridos (OLIVEIRA, 2009; MENEZES, 2017).

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, lucibele.eduarda@gmail.com;

²Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, lu_patriotapordeus@hotmail.com;

³Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, elisemoraski@gmail.com.

Este artigo é resultado de pesquisa do projeto de extensão ‘Lá Li Gibi: biblioteca, leitura e ação cineclubista’.

Ao propiciar às/aos estudantes o contato com a Sétima Arte, de uma forma que provoque reflexões, é possível desenvolver habilidades de interpretação e escrita focadas nas percepções apresentadas e discutidas após as sessões cineclubistas (XAVIER, 2008, p. 16; LIMEIRA, 2016), sendo que a reflexão é uma fase vital em todo autêntico processo de aprendizado (BRUNER, 1984). Apostamos no cinema por ser uma arte que representa e reinventa a sociedade, questiona os padrões e as desigualdades, proporcionando a criação de novas formas de ser e estar no mundo. Estamos de acordo com Frequent e Migliorin (2015, p. 12), quando dizem que “o cinema não é o lugar de coisas belas, apenas, mas também do feio, do insuportável, do estranhamento, do perturbador. Se essa equivalência entre o cinema e as ‘coisas belas’ se mantém, estamos fossilizando e destruindo a potência disruptiva e inventiva dessa arte”.

Dessa forma, introduzir o cinema no espaço escolar objetivou causar questionamentos e inquietações. É nessa direção que propusemos fugir da produção cinematográfica baseada no mercado, que reprime em grande medida o potencial e a intencionalidade do cinema como arte. Assim, ao adentrar à instituição escolar, o cinema não auxiliaria apenas nos conteúdos curriculares mas, sobretudo, proporcionaria às/aos estudantes o exercício à imaginação, à invenção e à criticidade diante das mensagens emitidas nos filmes, reelaborando-as e construindo suas próprias compreensões (CHRISTOFOLETTI, 2009).

Destarte, aprovado e executado no ano de 2018, o projeto de extensão ‘Lá Li Gibi: biblioteca, leitura e ação cineclubista’ se estruturou sobre duas leis: a Lei Nº 12.244/2010 e a Lei Nº 13.006/2014. A primeira, conhecida também como ‘Lei da Biblioteca Escolar’, sancionou a obrigatória criação de bibliotecas em todas as escolas de educação básica, públicas e privadas do Brasil, observando que em seu acervo haja a quantia de, no mínimo, um livro para cada aluno matriculado. Acrescenta esta lei que o prazo para a sua efetivação em todo o território nacional deve acontecer em, no máximo, dez anos a contar da sua promulgação no ano de 2010. Já a Lei Nº 13.006/2014 incorporou, no componente curricular da totalidade das escolas de educação básica brasileiras, a exibição obrigatória de filmes nacionais por, no mínimo, duas horas mensais.

Dentre as ações propostas pelo projeto, a ação cineclubista, norteadas por tais leis, definiu como objetivos: I- Estimular o desenvolvimento do hábito da leitura através de sessões de cinema e II- Ressignificar o papel do cinema aliado à biblioteca instaurando situações de fomento à cultura, à informação, ao conhecimento e à convivência. Para alcançar tais objetivos, por meio do ‘Cineclube Riacho do Navio’ foi realizada a exibição dos filmes de

curta metragem e de videoclipes brasileiros na Escola Municipal de Ensino Fundamental Virgínius da Gama e Melo, localizada no bairro de Mangabeira, em João Pessoa (PB).

Compactuamos com o entendimento de Leite e Christofolletti (2015, p. 41) a respeito da relação entre cinema e educação, em que “parece ser fundamental pensar questões acerca de uma educação do olhar para além de uma perspectiva utilitária da arte, em que as fronteiras entre cinema e educação possam efetivamente ser espaços de produção de sentidos e diálogos entre esses dois territórios”. A escolha do cinema teve, portanto, a finalidade de instrumentalizar essa arte na perspectiva de inaugurar uma nova forma de criar situações de leitura. Adotamos a exibição de curta-metragem devido à rapidez na mensagem e a possibilidade de apresentar uma quantidade maior de filmes.

O projeto ‘Lá Li Gibi’ se justifica como uma ação que problematiza o distanciamento da população brasileira das bibliotecas e o insucesso da escola em efetivar um dos seus propósitos primordiais, que é a formação de pessoas leitoras. Ancoramo-nos na compreensão de que a biblioteca é fundamental no processo de formação de pessoas leitoras. Daí ser um dos objetivos do projeto ressignificar o seu papel, procedendo a transição de local de depósito de materiais da escola e espaço de castigo de estudantes considerados indisciplinados para se converter em ambiente promotor do acesso ao conhecimento, à cultura e à interação entre os sujeitos que compõem a comunidade escolar, especialmente as/os estudantes. Para tanto, aliamos o estímulo a leitura à esse olhar alternativo sobre o papel da biblioteca para a realização das ações cineclubistas. Assim, o projeto se estruturou sob a premissa de que a biblioteca tem um papel imprescindível no desenvolvimento do sujeito leitor para a formação do conjunto de seus saberes culturais e sociais.

METODOLOGIA

O PROJETO LÁ LI GIBI: BIBLIOTECA, LEITURA E AÇÃO CINECLUBISTA

A origem do projeto de extensão ‘Lá Li Gibi: biblioteca, leitura e ação cineclubista’ está diretamente relacionada a outro projeto, a ‘Biblioteca Popular Riacho do Navio’ (BPRN), fundada em meados de 2013 no município de Piranhas, situado no sertão de Alagoas, por uma docente da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e um grupo de discentes. Após a observação acerca das ínfimas políticas de incentivo à leitura no Brasil, no ano de 2014 foi desenvolvido o projeto ‘Lá Li Gibi: biblioteca, leitura e ação cineclubista’.

Partindo da premissa de que a biblioteca tem um papel imprescindível ao desenvolvimento do sujeito leitor para a formação do conjunto de seus saberes culturais e sociais, foram delineadas as seguintes atividades: I- o ‘Cineclubes Riacho do Navio’, que realizava a exibição de filmes de curta metragem e videoclipes brasileiros na Escola Municipal de Ensino Fundamental Virgínius da Gama e Melo; II- a ‘Estante Ambulante’, que disponibilizou para leitura parte do acervo de obras literárias e histórias em quadrinhos pertencentes à Biblioteca Popular Riacho do Navio, numa lanchonete existente no Janga, bairro da cidade de Paulista (PE), a partir da observação de que as pessoas passam aproximadamente 30 minutos à espera do lanche; III- a ‘Estante ambulante’, na calçada da sede física da Biblioteca Popular Riacho do Navio.

MÉTODOS E TÉCNICAS

Os sujeitos participantes do processo de execução do projeto foram estudantes dos cursos de licenciatura em Pedagogia da UFPB e estudantes da Escola Virgínius da Gama e Melo, localizada no bairro de Mangabeira, em João Pessoa (PB), e que atende alunos do 6º ao 9º ano, além dos ciclos II e III da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Para o desenvolvimento da atividade cineclubista, eram realizadas reuniões semanais com o grupo extensionista em que era feita a definição do tema que deveria nortear a escolha de filmes e videoclipes em cada ação. Em seguida, era feita a busca por produções audiovisuais brasileiras que estivessem inseridas na temática e disponíveis na internet, primando por obras que estivessem fora do circuito comercial e que fossem inovadoras e interessantes. Escolhidos os filmes e videoclipes, eram produzidos os cartazes de divulgação, afixados em lugares da escola que tivessem ampla circulação de pessoas com a finalidade de informar aos alunos quais filmes eles iriam assistir, bem como as datas e horários em que aconteceriam as sessões nos turnos da manhã e da tarde.

Nossa atividade cineclubista estabeleceu um percurso dentro da escola que o alunado não costumava realizar, que consistiu em estimular a frequência à biblioteca escolar, estreitar o contato com o acervo da biblioteca escolar e realizar o empréstimo de livros ou gibis para leitura. Este procedimento, segundo orientação do grupo extensionista, deveria acontecer pelo menos uma semana antes da realização da sessão. Entendemos que a efetiva realização desta proposta poderia ser disseminadora da resignificação da biblioteca enquanto espaço de conhecimento, cultura e convivências. Inicialmente, uma das prioridades era que as sessões de

cinelube fossem realizadas no interior da biblioteca escolar, partindo da intenção de redimensioná-la como um instrumento em que atividades de leitura, pesquisa e obtenção de informação se articulam a outras formas expressivas de cultura e arte. Entretanto, isso não foi possível devido às condições estruturais do local como falta de climatização, tamanho reduzido do espaço físico e excesso de iluminação. Diante das dificuldades identificadas, a ação cineclubista passou a acontecer na sala de vídeo.

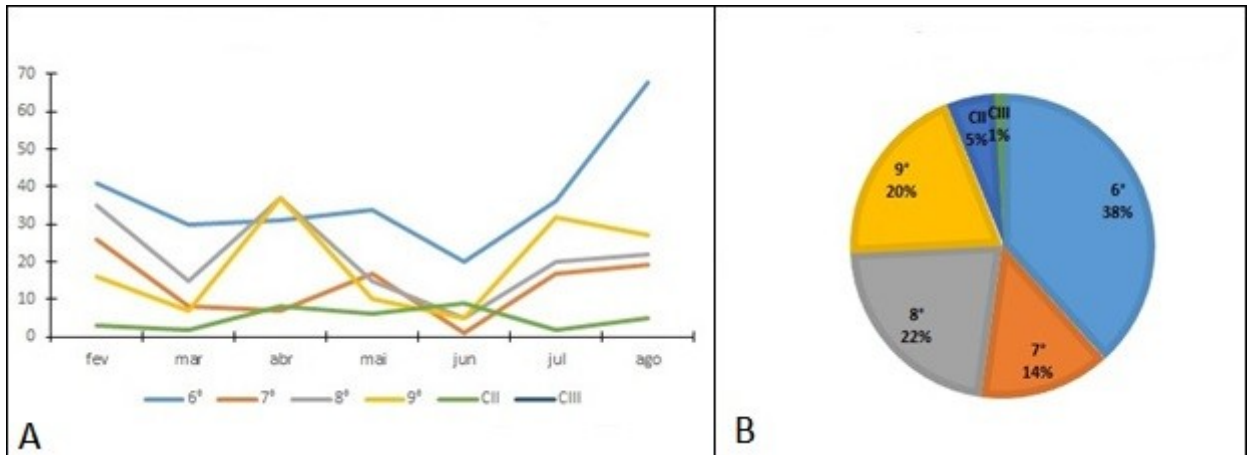
Após a parceria realizada com a escola no ano de 2017, a partir da qual foi iniciada a ação cineclubista na escola, o projeto retomou as atividades em 2018 incluindo como novidade a ‘cobrança de ingressos’, a fim de incentivar a participação dos estudantes nas sessões do cinelube. Os ingressos não eram pautados em valores monetários, mas sim condicionados ao empréstimo de livros e/ou gibis pertencentes ao acervo da biblioteca existente na escola.

Em suma esta foi, portanto, a trajetória das/dos estudantes: I- ir à biblioteca escolar realizar empréstimo de uma obra uma semana antes (o recomendado) da data estipulada para acontecer as sessões de cinema, II- no dia da ação devolver o livro ou gibi na entrada que dá acesso à sala onde acontece a exibição dos vídeos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total, a ação cineclubista atingiu em média 167 estudantes por mês. Durante a execução da ação cineclubista foram apresentadas 15 sessões de cinelube, levando para a escola um total de nove filmes e videoclipes. As movimentações no fluxo de empréstimos em 2018 bem como a proporção de livros emprestados por cada ano escolar podem ser visualizadas no Gráf.1.

Gráf. 1 (A) Frequência e (B) Proporção de empréstimos por ano escolar em 2018.



FONTE: Dos autores (2018).

Destacamos que, inicialmente, não conseguíamos estimar a intensidade da mudança de comportamento dos estudantes em relação à frequência à biblioteca. Entretanto, ao consultar o ‘Livro de Empréstimos’ observamos que o último registro de movimento havia acontecido no ano de 2012 e somente após quatro anos, em 2016, foi verificado um novo protocolamento. Pôde-se inferir, portanto, que entre os anos de 2013 e 2015 não houve empréstimos na biblioteca escolar. Além disso, observamos que durante todo o ano de 2016 foram retiradas 11 obras e em 2017, ano em que as ações cineclubistas já aconteciam mas não estavam condicionadas ao empréstimo de livros na biblioteca, foram retiradas apenas três obras.

Já em 2018, em contrapartida, foram registrados 683 empréstimos, iniciados a partir do final de fevereiro. Esse expressivo aumento coincidiu com a data de planejamento para o início das atividades do cineclube Riacho do Navio, que teria em 13 de março a estreia de suas sessões. Entretanto, quando chegamos na sala (que já havia sido reservada previamente), descobrimos que o local já estava sendo utilizado por outras pessoas, ao passo que tivemos de adiar a sessão para o mês seguinte.

Em abril realizamos a primeira sessão cineclubista com a cobrança de ingresso, que foi intitulada ‘Eu e o meu lugar’, em que buscamos levantar a construção da individualidade do ser humano, do seu senso de pertencimento ao local em que vive e de sua responsabilidade enquanto ser político dentro da sociedade. Nesta sessão, relacionamos Mangabeira, bairro em que está inserida a escola e onde a maioria das/os estudantes moram, fazendo essa articulação com a história do lugar e a memória afetiva dos alunos. Entretanto, talvez devido à incerteza dos estudantes quanto à execução da sessão cineclubista de abril, foram emprestados quase 50% a menos de livros do que no mês anterior, efetuados principalmente entre as turmas do 8º e 9º anos.

A segunda ação estava prevista para o mês de maio, no entanto, por descompasso na relação entre universidade e escola na construção de propostas extensionistas, novamente não foi possível a sua realização, a qual só foi concretizada no mês de junho. De forma equivalente, também houve uma queda no fluxo de retirada de livros na biblioteca no mesmo período. Em investigações com o grupo de extensão, buscamos compreender a realidade da escola e das/dos estudantes e incorporá-la na preparação das atividades, constantemente buscando aproximação com a cultura periférica e negra. Decidimos pela temática do racismo para o nosso segundo cineclube, sendo o título ‘Se a coisa tá preta, a coisa tá boa’.

Em alusão ao dia 13 de maio, aproveitamos para problematizar o racismo como traço histórico e estrutural da nossa sociedade, mas também pusemos em destaque a necessária construção da representatividade e da autoestima da população não branca. Nesta ação, realizamos a leitura coletiva da letra do videoclipe musical que foi apresentado, por percebermos a necessidade de auxílio para acompanhar a mensagem trazida pelo rap, procedimento este que contribuiu para promover, mesmo que brevemente, uma ação efetiva de leitura, além de, no nosso entendimento, ter demonstrado para alunos e alunas que ler pode ser um deleite.

Após o retorno das férias escolares, realizamos mais uma sessão cineclubista, no início do mês de agosto, buscando retratar a questão da desigualdade entre os sexos no trabalho doméstico, bem como da realidade da mulher negra na sociedade brasileira e da sua objetificação. Neste momento, também identificamos que o uso de material escrito possibilitaria a instauração de situações de leitura. Para isso, elaboramos um texto sobre dois elementos apresentados em um videoclipe que serviram para ampliar a compreensão sobre os movimentos estadunidenses, o ‘Partido dos Panteras Negras’ e ‘Ku Klux Klan’. Neste mês, novamente o fluxo de empréstimos de livros e gibis voltou a crescer e foi feito principalmente pelas turmas do 6º ano, que pegaram o dobro de livros em relação às demais séries. Dentre todos os anos da escola e em todos os meses, com exceção de abril, o 6º foi aquele com maior quantidade de livros emprestados, sendo responsável por 38% dos registros no Livro. Em contrapartida, os ciclos II e III da educação de jovens e adultos emprestaram menos de 7% dos livros.

A próxima ação estava prevista para acontecer na metade do mês de setembro, entretanto, mais uma vez houve dificuldades que impediram a efetivação da atividade. De acordo com o cronograma estabelecido pelo projeto, as ações extensionistas ocorreriam até o fim do ano letivo escolar, em meados de dezembro, mas devido à todos empecilhos que surgiram ao longo de nossas atividades, a parceria com a instituição foi encerrada.

Constatamos que o consórcio entre universidade e escola necessita de envolvimento e compromisso de ambas as partes, sendo importante ressaltar que a cooperação da escola em muitos momentos não foi suficiente, comprometendo a execução das ações cineclubistas. No entanto, ainda assim conseguimos visualizar a importância das nossas atividades como promotoras de mudanças na biblioteca e no estímulo à leitura. Por exemplo, após a cobrança ‘dos ingressos’ houve um grande aumento no fluxo de empréstimos da biblioteca, tendo sido necessária uma reorganização do acervo e da realização de melhorias no setor de empréstimos e devolução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a promoção do hábito de leitura deve ocorrer no início do processo de escolarização do aluno, de forma regular e frequente, de modo que ao terminar o ensino fundamental este sujeito já tenha adquirido a prática. De forma análoga, foram os alunos ingressantes dos primeiros anos que mais aderiram à proposta de fortalecimento da biblioteca escolar e de desenvolvimento do hábito de leitura.

Figuramos a importância das nossas ações acerca dos sujeitos aprendizes, em um panorama no qual o projeto ‘Lá Li Gibi’ vem atuando para promover essas ressignificações dentro da biblioteca, desconstruindo um trajeto no qual a escola acaba por direcionar este espaço às condições limitadas e ultrapassadas. Portanto, deve ser um ato que permita repensar esse espaço e introduzir esses sujeitos não leitores sob as mais variadas possibilidades de acesso ao conhecimento, bem como de fazer com que lidem e superem os percalços decorrentes da realidade educacional, enfatizando os sentidos de reconhecer-se e produzir toda essa transformação.

É de acordo com essas expectativas que o ‘Lá Li Gibi’ busca promover suas ações, deduzindo as indagações desses sujeitos aprendizes, analisando as múltiplas realidades impostas na vivência e no cotidiano escolar, abrindo as discussões em torno, pensando no cinema e na biblioteca não apenas como conteúdos escolares introdutórios, mas como um instrumento emancipatório que torna o nosso público alvo, os alunos, indivíduos com uma vasta capacidade de interação, leitura e interpretação do mundo, decorrente deste esforço.

Ao partir de uma perspectiva analítica, foram observados alguns impasses como o desencaixe da exibição dos filmes fora do espaço físico da biblioteca, algo que não neutralizou o mecanismo de nossa atuação pois, além de pensar no âmbito do projeto em

outros espaços disponíveis, como a sala de vídeo, a regularidade na demanda dos empréstimos dos gibis e livros dentro da biblioteca foi muito satisfatória e estimulou no projeto outras possibilidades de mobilização acerca deste resultado, tais como oficinas de conservação de acervos e levantamentos dos temas geradores (que consistiam em considerar as expectativas, vontades e subjetividades dos sujeitos aprendizes), além do uso da biblioteca como espaço de convivência e interação, com o objetivo de formar pessoas leitoras e participantes, ultrapassando os limites físicos da própria biblioteca para chegar até essas pessoas.

Por último, é importante ressaltar a falta de organicidade entre a universidade e a escola, pois acreditamos que houve uma participação ínfima da parte dos professores, em um momento que somar e dividir alguns de nossos planos seria essencial ao interesse coletivo para se pensar na escola como um ambiente criador de oportunidades de leitura para os alunos. Portanto, a gestão escolar deveria proporcionar uma maior inclusão de seus docentes e funcionários ao invés de se abster diante das propostas das atividades extensionistas.

Partindo dessas considerações, é plausível categorizar esses contratempos não como problemas, mas sim como resistência sobre algo que gira em torno dos âmbitos conflituosos, pois percebe-se que a dimensão do ato educativo é autoritário e arbitrário, modelando os sujeitos e sempre gerando tabus e concepções de forma coercitiva a eles. Então, a importância do grupo extensionista nas atividades nos permitiu fazer a problematização de uma série de mecanismos invisibilizados e de obter vivências e experiências que desenvolveram nosso olhar sobre essas dimensões, nos fazendo pensar sob uma perspectiva de superação das tradicionalidades que remetem à escola e nos modos de operação existentes que levam à falha no processo dessa ressignificação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Lei Nº 12.244/2010. Brasília, 2010. **Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País.** Brasília, Congresso Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm>. Acesso em: 30/09/2019.

_____. Presidência da República. Lei Nº 13.006/2014. Brasília, 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113006.htm>. Acesso em: 01/09/2019.

BRUNER, J. **Acción, pensamiento y lenguaje (Ação, pensamento e linguagem).** Barcelona: Alianza, 1984.

CHRISTOFOLETTI, R. **Filmes na sala de aula: recurso didático, abordagem pedagógica ou recreação?** Educação (UFSM), v. 34, n. 3, p. 603-616, 2009.

FRESQUET, A. **Cinema e educação: Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e fora da escola.** Rio de Janeiro: Autêntica, 2013.

FRESQUET, A.; MIGLIORIN, C. **Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14.** Cinema e educação: a lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015.

LEITE, C. D. P.; CHRISTOFOLETTI, R. **Pra que cinema? O que pode o cinema na educação e a educação no cinema?** Fronteira de encontros. In: FRESQUET, A. (Org.). Cinema e educação - a Lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo, 2015.

LIMEIRA, M. S. **O cineclube e a educação emancipatória.** Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 2, n. 1, p. 70-78, 2016.

MENEZES, L. B. **A arte do encontro: o cineclube na escola.** Revista Entreideias, Salvador, v. 6, n. 1, p. 11-26, 2017.

OLIVEIRA, L. R. **Cinema educativo e construção social da realidade: criando identidades através da leitura e da escrita do mundo com o audiovisual.** Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009.

ROSAS, J. M. G. **Programa Tantas Leituras**, 81 p. 2015.

Xavier, I. **Um Cinema que “Educa” é um Cinema que (nos) Faz Pensar.** Entrevista com Ismail Xavier, Educação e Realidade, Porto Alegre v. 33, n. 1, pp. 13-20, 2008.